

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ANA CLARA MATIAS ROCHA

**Os Estabelecidos e as Outsiders:
Desigualdades de gênero em organizações jornalísticas**

NITERÓI

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ANA CLARA MATIAS ROCHA

Os Estabelecidos e as Outsiders:
Desigualdades de gênero em organizações jornalísticas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Sociologia.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Verônica Toste Daflon

NITERÓI

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ANA CLARA MATIAS ROCHA

**Os Estabelecidos e as Outsiders:
Desigualdades de gênero em organizações jornalísticas**

BANCA EXAMINADORA

.....

Prof^a. Dr^a Verônica Toste Daflon
Universidade Federal Fluminense

.....

Prof^a. Dr^a Carolina Zuccarelli Soares
Universidade Federal Fluminense

.....

Prof^a. Dr^a Sabrina de Oliveira Moura Dias
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M433e Matias, Ana Clara
Os estabelecidos e as outsiders : desigualdades de gênero
em organizações jornalísticas / Ana Clara Matias ; Verônica
Toste Daflon, orientadora. Niterói, 2020.
41 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) -
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia, Niterói, 2020.

1. Jornalismo. 2. Gênero. 3. Organizações. 4.
Desigualdades. 5. Produção intelectual. I. Daflon, Verônica
Toste, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD -

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a minha mãe, Norma, por sempre ter ensinado às suas filhas o valor de um sonho, e que é preciso acreditar e trabalhar nele. Mãe, os meus momentos mais felizes foram ao seu lado, e os mais desafiantes foram longe, a universidade realmente é o lugar onde o filho chora e a mãe não vê. Sem os seus ensinamentos eu nunca teria coragem de ter saído do interior para tentar realizar um sonho na cidade grande de Niterói. Agradeço de coração tudo o que fez por mim e por minha irmã, todas as horas extras no trabalho, as horas extras em casa, costurando, fazendo doces e sabonetes para que a gente sempre pudesse ter o que era necessário. Seus cuidados me acompanham e seus esforços não serão em vão, se depender de mim. A oportunidade de ser sua filha é a maior oportunidade da minha vida, sou uma mulher melhor por ter tido você comigo.

Às minhas tias, obrigada por todo o incentivo que recebi até aqui. Levo no meu coração todas as demonstrações de afeto que tivemos ao longo de nossos anos, desde a compra do meu primeiro gibi, até me deixar na rodoviária para pegar meu ônibus. O papel que desempenharam na minha vida vai além da nomenclatura.

Às minhas irmãs, Natália e Mariana, que me aguentaram e aguentam... obrigada por me apoiarem até aqui. Em vocês, forcei análises sociológicas e fiz apresentações de trabalho, mesmo sabendo que tinham o mínimo dos interesses. À minha irmã de coração, Keiti e meu cunhado Benjamin, agradeço por todos os incentivos de perseguir a carreira acadêmica e os livros que ganho de vocês. Vocês todos são grandes exemplos na minha vida.

Ao meu pai, Tarso, por ter me incentivado a ser uma pessoa independente. Também agradeço pelo presente simbólico e pela sabedoria. Aos meus avós eu agradeço pelo trabalho duro e desafio que tiveram que passar. Vô Evaristo, desde o dia que dissestes para mim “tudo que eu passei nessa vida, eu fiz para que os meus filhos e netos não passassem”, percebi os enormes obstáculos que todos vocês enfrentaram.

Aos amigos que cultivei do ensino fundamental até aqui, obrigada por não desistirem de mim, sempre me apoiarem e acreditarem. Camila, Janine, Thaísa suas risadas, conselhos e afetos significam muito para mim.

À Valéria, que me apoia ao longo de dez anos, muito obrigada pela amizade. Seu incentivo constate, muitas vezes, era o único que eu tinha. Me empurrou para o mundo e para a sociologia, mesmo sabendo que perderia uma amizade cotidiana. À Vanessa obrigada por ter segurado minha barra tantas vezes. Sem a amizade das duas, eu seria outra pessoa.

Às amigas que a UFF me deu, obrigada. Júlia, você foi minha primeira amiga uffiana e me ensinou a ser uma pessoa mais dedicada aos estudos, agradeço por nossos grandes e pequenos debates. Tamara e Letícia, não tem como expressar o meu agradecimento pela companhia sempre divertida em tempos pandêmicos e fora deles também. Elisa, Giselle, Cinthia e Sabrina, vocês fizeram de Niterói uma cidade mais simpática e habitável. Ao 702, Fernanda, Victória, Ingrid, agradeço por todo o carinho e também por serem minhas companheiras de quarentena.

Aos meus professores da UFF, aprendi a ser cientista com vocês. Ao CEMESF, Alejandra, Ana Paula, Raphael e Lúcia, obrigada pela oportunidade de fazer parte de um projeto tão lindo e importante. À Sabrina, por me apresentar o mundo da sociologia, ser uma grande orientadora e me dar a oportunidade de aprender contigo. À Flávia Rios e Raquel Lima, obrigada por serem exemplos de mulheres na academia que almejo ser, agradeço também por todas as conversas, oportunidades e acalentos. Ao LabGen, Carol, Anna Bárbara e Luna, por todos os debates, conselhos e trocas.

À minha orientadora, Verônica, por ter me ensinado tanto, e com tanto carinho e paciência. Todos os nossos debates me enriquecem e motivam. Agradeço também por ter saído um pouco da sua zona de conforto, já que bati o pé no chão de que estudaria trabalho. Não poderia escolher melhor orientadora. Obrigada pela disponibilidade, conversas, e por me ajudar tanto ao longo do caminho. Você me fez enxergar novas realidades.

Por último, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, por ter me permitido continuar na faculdade, sem as bolsas de Iniciação Científica que consegui ao longo dos anos, eu não estaria aqui.

Axé, meus bons amigos!

9 to 5, for service and devotion

You would think that I

Would deserve a fair promotion

Want to move ahead

But the boss won't seem to let me

I swear sometimes that man is out to get me

- 9 to 5, Dolly Parton

RESUMO

O propósito deste trabalho é compreender alguns dos mecanismos da manutenção das desigualdades de gênero no acesso a poder e recursos em organizações jornalísticas. Para tanto, são usadas entrevistas feitas em grupos focais nas quatro cidades com maior número de profissionais jornalistas: Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo. As transcrições dos grupos focais são analisadas sob a ótica da teoria dos estabelecidos e outsiders de Norbert Elias e da sociologia das organizações e sociologia das desigualdades, dialogando com autoras como Cecilia Ridgeway e Joan Acker.

Palavras-chave: jornalismo, gênero, organizações, desigualdades

ABSTRACT

The purpose of this work is to comprehend some of the mechanisms that maintain gender inequalities in the access to power and resources in journalistic organizations. With this aim, it analyses transcripts from focus groups in the four cities with the highest number of journalists: Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre and São Paulo are used. The focus groups transcripts are analyzed from the point of view of Norbert Elias' theory of the established and the outsiders and the sociology of organizations and sociology of inequalities, with Cecilia Ridgeway and Joan Acker.

Keywords: journalism, gender, organizations, inequalities

LISTA DE SIGLAS

ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

DST – Divisão Sexual do Trabalho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Planilha de citações dos Grupos Focais	28
---	----

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Revisão Bibliográfica	15
3. Relação Estabelecidos/Outsiders e Organizações	23
4. Metodologia	27
5. Manutenção de Regimes Desiguais	30
6. Considerações Finais	38
7. Referências Bibliográficas	40

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia almeja investigar alguns dos mecanismos que mantêm desigualdades de acesso a poder e recursos em organizações jornalísticas. Para tanto, a teoria de Norbert Elias e John Scotson sobre as relações entre estabelecidos e outsiders (ELIAS e SCOTSON, 2000) é acionada em conjunto com uma literatura sobre desigualdades organizacionais de gênero e desigualdades interseccionais (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997).

O campo jornalístico apresenta algumas particularidades que o fazem um objeto de estudo interessante. A história de feminização e profissionalização do jornalismo está interconectada, o que modela muitas interações. Trabalhamos com a hipótese de que o fato de que o jornalismo se tornou uma profissão mais feminina a partir da exigência do diploma ameaçou o grupo masculino “estabelecido” e que é possível compreender alguns mecanismos que mantêm as desigualdades de gênero no topo das organizações jornalísticas a partir dessa linha de investigação.

Na análise de Elias e Scotson (2000) a relação entre estabelecidos e outsiders consegue ser resumida em uma relação de conflito pela manutenção de poder. Os estabelecidos criam para si uma ideologia que confere a eles uma superioridade autoconcedida. As redes de sociabilidade desse grupo costumam ser mais homogêneas, mais antigas, mais coesas e menores, fazendo com que poder e recursos circulem dentro deste pequeno grupo. Os outsiders constituem um grupo mais heterogêneo e menos coeso, em comparação com os estabelecidos, o que dificulta a retenção e circulação de poder e informação.

As organizações de contratação liberais apresentam características específicas e têm interações baseadas em redes sociais/ networks de forma mais explícita (ACKER, 2006). De acordo com o Censo de 2010, 58% dos jornalistas entre 20 e 29 anos são mulheres. Nos cursos de graduação em jornalismo elas somam 64% dos estudantes; e são 63% dos pós-graduados da área, contando com especialização, mestrado e doutorado. Apesar da qualificação, elas ainda são retidas em cargos de gerência média, e são a minoria entre os empregadores, com uma porcentagem de 38% (DAFLON, 2017).

Esta monografia trabalha com dados que fazem parte de uma pesquisa realizada pela Gênero e Número conjuntamente com a Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) no ano de 2017. A pesquisa contou com duas fases, uma qualitativa e uma quantitativa. Foram realizados grupos focais com mulheres jornalistas em quatro capitais brasileiras, e posteriormente um survey, aplicado na internet, com amostra auto selecionada. Os dados quantitativos, bem como o relatório da pesquisa, podem ser encontrados no site: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/>. Embora conte com um módulo quantitativo, o presente trabalho se debruçará apenas sobre as transcrições dos grupos focais.

Para além da introdução e da conclusão, o presente trabalho conta com mais quatro capítulos. No primeiro capítulo faço uma revisão bibliográfica sobre estudos de desigualdade no jornalismo, com o objetivo de mostrar o estado da arte do campo e colocar meu trabalho em diálogo com a literatura existente. As pesquisas disponíveis evidenciam desigualdades entre homens e mulheres no que se refere a cargos e salários, registram formas de discriminação e da produção de desvantagens para as mulheres, mas dão menos ênfase a determinados mecanismos que mantêm essas desigualdades que pretendo explicar. O capítulo seguinte trata do marco teórico, vinculando as similaridades entre Elias e Scotson (2000) e teorias da sociologia das organizações e das desigualdades (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997). No terceiro capítulo explico a metodologia da pesquisa e as vantagens do uso do grupo focal. Em quarto, apresento brevemente a histórica da feminização do jornalismo e faço a análise das falas dos grupos focais. Por fim, apresento as contribuições e limites do trabalho.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A presente revisão bibliográfica conta com quatro artigos, e apesar de não ser uma revisão exaustiva, seleciona uma produção recente que relaciona gênero e jornalismo. O texto “O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil” (2011), é uma comparação da história do jornalismo no Brasil e em Portugal; o “Mulheres e Jornalismo: permanência e tendências no exercício da profissão” (2010) apresenta entrevistas com jornalistas na cidade de Salvador; “Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo” (2017) apresenta entrevistada com profissionais do jornalismo de São Paulo; e, por fim, “A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero” (2019), faz uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema.

O artigo de Paula Melani Rocha e Jorge Pedro Sousa “O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil” (2011), versa sobre as mudanças enfrentadas pelo jornalismo, as influências que o gênero trouxe ao mercado de trabalho jornalístico e as diferentes funções executadas por homens e mulheres dentro da redação. Apesar de focarem na comparação entre Portugal e Brasil para analisarem a feminilização do trabalho jornalístico, os autores contextualizam o movimento num momento internacional de transformação e introdução da mulher no mercado de trabalho, fazendo assim com que a feminilização do jornalismo seja contemporânea do processo de profissionalização da carreira. A metodologia da pesquisa consistiu em pesquisa bibliográfica e documental.

A profissionalização tardia do jornalismo em Portugal se deve ao período de ditadura militar enfrentado pelo país. O jornalismo português começou a ter desenvolvimento a partir da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, que depôs o presidente e deu fim ao período ditatorial. Antes era habitual que os jornalistas tivessem mais de um emprego, devido ao baixo salário da época. O primeiro curso em comunicação social de Portugal foi regulamentado apenas em 1979, e como em outros países, a graduação não era obrigatória. Depois da privatização da imprensa criou-se novos nichos de impressos, canais de rádio e também de televisão. A expansão permitiu a entrada de novos jornalistas, que neste momento já possuíam graduação (ROCHA e SOUZA, 2011).

Assim como a expansão do mercado jornalístico, a feminilização da profissão aconteceu de forma gradual. Dados de 1987 mostram que as jornalistas se concentravam mais nas rádios (26%) e em menor porcentagem nos impressos, atingindo 15%, enquanto os homens eram maioria. Em proporção, as mulheres eram as mais novas também, com 83% tendo menos de 45 anos. Por mais que os profissionais com graduação ganhassem mais, em média, os cargos de chefia ainda eram monopólio daqueles mais experientes, e com menor grau. A partir de 1999, com a valorização do diploma universitário o número de mulheres aumentou, chegando a ultrapassar o número de homens sindicalizados. Mas como acontece comumente, uma maior igualdade no acesso a profissão não significa um maior acesso a cargos de chefia (ROCHA e SOUSA, 2011).

Já o processo de profissionalização do jornalismo brasileiro teve início da década de 1930, com a criação de sindicatos e associações durante o governo Vargas. A exigência do diploma foi aprovada no final da década de 1960, regulamentando também a profissão. Dez anos depois, em 1979, houve a criação de editorias, criando especialização por áreas e aumentando a remuneração salarial. A profissionalização fez com que adentrasse uma geração de jornalistas com graduação e pós graduação oriunda de classe média, ou classe média-alta (ROCHA e SOUSA, 2011).

Depois de um processo de reestruturação produtiva e administrativa no jornalismo, durante as décadas de 1980 e 1990, viu-se aumentar o número de mulheres no mercado de trabalho. A reestruturação colocou fim a diversos cargos, que acabaram acumulados pelos jornalistas ou sendo realizadas por novas tecnologias. Dados de 2005 da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) mostram que as mulheres ultrapassaram os homens no mercado jornalístico, chegando a porcentagem de 51,57%, fato que pode ser justificado pela maior entrada de mulheres em cursos universitários (ROCHA e SOUSA, 2011). Apesar de as mulheres serem a maioria dos profissionais detentores de diplomas de graduação, tanto no Brasil, quanto em Portugal, elas não são majorias em cargos de chefia. As mulheres estão ingressando em cargos novos, que exigem maior conhecimento tecnológico, enquanto os homens ainda estão em posições mais tradicionais. Paula Rocha e Jorge Sousa (2011) focam na história da profissionalização do jornalismo, bem como no processo de feminilização. O que está em análise são as políticas que

ajudaram na profissionalização, as mudanças burocráticas que facilitaram um maior ingresso de mulheres no jornalismo, em resumo, se trata de um estado da arte do mercado jornalístico.

A pesquisa que Ana Fernanda Campos de Souza apresentou no VI Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, intitulada “Mulheres e Jornalismo: permanência e tendências no exercício da profissão” (SOUZA, 2010), tem como objetivo contar a história da profissionalização das mulheres como jornalistas em Salvador. Para isso, ela usa depoimentos de 14 jornalistas sobre o cotidiano profissional.

Assim como boa parte da literatura, a autora enfatiza o processo de “teto de vidro” – caracterizado pela baixa participação feminina em cargos de chefia – em que muitas mulheres se encontram. Elas ainda ganham menos, por não estarem inseridas em cargos de chefia, que são ocupados em peso pelos homens. O artigo ainda relaciona a presença das mulheres no mercado de trabalho à Segunda Onda do Movimento Feminista, e a criação de cursos de graduação em jornalismo, que contou com ingresso de mulheres (SOUZA, 2010).

Embora as entrevistadas tenham a percepção sobre o aumento numérico de mulheres na imprensa, elas divergem sobre a questão da ascensão profissional. O posto de editoria é apontado como um exemplo de chefia pelas entrevistadas, mas a autora do artigo aponta que devido à perda de poder do editor, poder que foi diluído entre outras funções, a função já não é mais a mesma. É salientado também o alto número de mulheres em trabalho de assessoria. Diferentemente de Rocha e Sousa (2011), aqui se mostra presente uma discussão sobre “relação público-privado” implicada na profissão. A autora discute como a rotina do trabalho, os horários imprevisíveis e a dificuldade de conciliação entre casa e trabalho penalizam as mulheres na profissão.

A despeito disso, na visão das entrevistadas as divisões de pautas atualmente são igualitárias, então não haveria problemas a serem enfrentados visto que todos têm o mesmo emprego. No entanto, segundo a autora, o fato de mulheres estarem entrando no mercado faz desviar a atenção para as recombinações possíveis “que mantém a mulher em lugar subordinado” (SOUZA, 2010). Para a autora, o paradigma da igualdade – a ideia de que com a igualdade de direitos entre homens e mulheres

cessam de existir quaisquer barreiras para elas – é um mecanismo de “manutenção da ordem patriarcal e do status quo da mulher na sociedade” (SOUZA, 2010).

Para a autora, por mais que existam mais mulheres no jornalismo, isso não significa um processo de “feminização” da profissionalização da profissão, necessariamente. Para a autora, “feminização” é um termo que designa a associação de um determinado tipo de trabalho a estereótipos e supostas qualidades femininas. No entanto, não é isso que a autora constata nas entrevistas: o status dentro do jornalismo ainda está fortemente conectado com qualidades masculinas. A projeção da autora é que as mulheres acabariam se deslocando para trabalhos como “extra-redação, composto por assessorias, produtoras e ações de comunicação em empresas públicas e privadas”, que prezassem mais as “qualidades femininas”.

O foco de análise é a cidade de Salvador, que apresenta fenômenos muito parecidos com os nacionais, como o aumento da proporção de mulheres jornalistas a partir da década de 1980. A autora apresenta uma discussão sobre baixa representatividade em cargos de chefia, apesar do alto número de jornalistas mulheres. Ao discutir o paradigma da igualdade e sua presença nas falas das entrevistadas, a autora sugere que a crença dessas mulheres na igualdade de status impede que consigam ver o quadro maior de desigualdades.

O artigo “Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo” (2017) de Aline Thereza Leite se propõe a discutir o processo de feminização do trabalho através de entrevistas em profundidade e semiestruturadas com mulheres jornalistas que atuam em diversas mídias da cidade de São Paulo, realizadas entre 2012 e 2014. A autora chama atenção para a convergência de eventos como a mudança do perfil dos jornalistas – com a entrada de mulheres, diplomadas e jovens – e a precarização do trabalho. O aumento de profissionais freelancers e de assessorias contam para uma maior precarização do trabalho jornalístico. No entanto, a entrada de mulheres proporcionou uma maior profissionalização e autonomização do trabalho, com a entrada de jornalistas graduados e pós-graduados.

A remuneração das mulheres também apresenta diferenças, dependendo da função e do diploma. Entre as que trabalham de carteira assinada, a maior parte das editoras (86%) têm graduação, enquanto para as fotógrafas essa porcentagem chega

a 25%. Tomando a categoria de “profissões do jornalismo”, que é onde se concentra a maioria das mulheres (78,2%), as mulheres estão ganhando menos que os homens. A categoria freelancer, que também é composta por grande número de mulheres, é um braço da precarização do trabalho, por causa da sua instabilidade. Por outro lado, a escolha por funções com mais flexibilidade pode ter a ver com a necessidade de conciliação do trabalho com a maternidade.

Além da percepção sobre as diferenças entre gênero, o artigo discorre sobre diferenças e desigualdades entre editorias jornalísticas e sua relação com gênero. Há uma dualidade entre “*soft news*” e “*hard news*” e as mulheres ficam mais frequentemente encarregadas de matérias mais ligadas ao meio cultural, por exemplo, assim como moda, estilo de vida e consumo, temas que são mais próximos das qualidades tidas como femininas. Essa divisão sexual do trabalho jornalístico afastaria mulheres das “*hard News*”, que abrangem temas como política, economia e ciência.

Existe uma diferença sobre a percepção do trabalho jornalístico quando se relaciona geração. O “jornalismo empresarial” – caracterizado por uma maior “neutralidade” – se apresenta na fala das jornalistas mais novas, que usam uma linguagem mais técnica e objetiva, e enfatizam o amor pela profissão. As entrevistadas mais velhas veem o jornalismo como um espaço onde há uma liberdade crítica, opinativa e política que não envolve a lógica do mercado. Segundo a autora, a paixão pela profissão parece diminuir com o passar do tempo, ao passo que “elas começam a perceber as realidades da profissão” (LEITE, 2017).

Um aspecto da análise foi a percepção das jornalistas sobre o profissional do jornalismo e sobre o mercado jornalístico. Durante os depoimentos as características e qualidades relativas ao “bom jornalista” apontadas pelas entrevistadas versavam sobre um jornalista universal e muitas vezes veterano, o que leva a pensar que o jornalista ideal continua sendo pensado enquanto homem, o que pode trazer prejuízos a carreira de mulheres (LEITE, 2017). Sobre a profissionalização do jornalismo, as jornalistas mais jovens percebem o diploma como um diferencial para diferenciar os amadores dos profissionais, enquanto as mais velhas têm um histórico de terem se formado no próprio cotidiano de exercício do trabalho.

O gênero é experienciado, pelas entrevistadas, como algo íntimo e subjetivo, que não aparece nas relações profissionais. A forma de apagamento de gênero é o

fortalecimento da identidade profissional (LEITE, 2017), sendo enunciado o trabalho dobrado que realizam e a percepção de que nunca experienciaram tratamento diferenciado por serem mulheres. Mas entre as jornalistas intermediárias – com mais de 10 anos de carreira – percebe-se uma certa diferença de experiência. É unanimidade que ter filhos pode impactar negativamente a ascensão profissional, visto que dificulta uma dedicação exclusiva ao trabalho. Como mencionado, esse pode ser um fator que faz as mulheres adotarem a posição de freelancer, que permite uma maior flexibilidade de horários.

Em resumo, a pesquisa apresenta as percepções diferentes sobre o trabalho jornalístico a partir das gerações. Jornalistas mais jovens tendem a ver o trabalho como mais neutro, enquanto as mais velhas já passaram pelo “desencantamento” da profissão. O foco exclusivo no trabalho é visto pela autora como forma de eclipsar o gênero, sendo assim caminho para a ascensão profissional, as jornalistas entrevistadas procuram mostrar que não existe tratamento diferente entre homens e mulheres, por mais que os valores do bom profissional ainda estejam atrelados a uma figura masculina.

Por fim, o texto de Thales Lelo (2019), intitulado “A feminização do jornalismo sob a ótica da desigualdade de gênero”, conta com uma extensa revisão bibliográfica de estudos nacionais e internacionais sobre desigualdades no campo do jornalismo, proporcionando um estado da arte sobre a área. O autor evidencia quatro eixos investigativos recorrentes: i) divisão sexual do trabalho; ii) cultura organizacional; iii) cultura profissional; e, iv) rotinas produtivas.

As pesquisas que dão evidência a divisão sexual do trabalho (DST) se mostram fundamentais para entender obstáculos exclusivos das mulheres na profissão, e adicionam a divisão sexual do trabalho como um adicional de precariedade no setor jornalístico (LELO, 2019). Essas pesquisas englobam temas como: a dupla jornada de trabalho; a discriminação diferenciada de mulheres com dependentes; flexibilização dos contratos; e, abandono de carreira. O eixo de DST proporciona diversas investigações sobre os perfis dos profissionais jornalísticos, pautadas em surveys e métodos quantitativos.

O segundo eixo, sobre cultura organizacional, vai de encontro a pesquisas que retratam o meio organizacional como “neutro” e procura evidenciar como as culturas organizacionais produzem desigualdades (LELO, 2019). Dentre seus vetores de investigação estão: cultura organizacional que prestigia figura masculina; segregação vertical; homossociabilidade masculina; e, intimidação, assédio e violência sexual.

Em terceiro, há o eixo sobre a cultura profissional, que por sua vez tem como temas: valores profissionais vinculados ao universo masculino; segregação horizontal; “neutralização” do gênero, o esforço de ocultar a identidade de gênero e salientar outras, como a identidade profissional; e, prestígio atribuído aos profissionais de gênero masculino. Embora os eixos de cultura profissional e de cultura organizacional sejam parecidos, eles diferem. Os trabalhos sobre a cultura profissional focam na construção cultural dos profissionais e como isso tem impactos no campo daquela profissão, não sendo atrelada, necessariamente, à organização, mas sim a identidade profissional.

Por último, temos o eixo de rotinas produtivas. Segundo Thales Lelo (2019), esse eixo é menos usado em pesquisas sobre desigualdades de gênero e jornalismo. As investigações que utilizam essa chave de análise permitem elucidar as relações que as mulheres jornalistas têm com outras organizações, como fontes, apurando informações ou participando de eventos sociais (LELO, 2019).

Em síntese, o autor sistematizou os estudos disponíveis sobre as desigualdades e suas expressões no campo do jornalismo. Os tópicos descrevem a dupla jornada, a penalidade materna, que empurram mulheres para o horário flexível e o emprego precarizado, a cultura organizacional marcada por normas masculinas (idealização, redes separadas por gênero, assédio), segregação por editorias, pautas, assim como a relação tensa de mulheres jornalistas com suas fontes.

Diferentemente dos trabalhos aqui levantados, proponho utilizar a literatura da sociologia das organizações e de regimes de desigualdade para entender como as interações cotidianas criam significados que mantêm desigualdades. Através de interações podemos entender como ambientes relativamente igualitários ainda conseguem reinscrever regimes de desigualdade (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997).

Assim como ocorre com outras instituições, o mercado jornalístico não existe no vácuo, o que significa que os agentes que fazem parte interagem internamente entre si, e externamente com outras organizações, que seguem suas próprias estruturas.

Outro aspecto do trabalho é o diálogo com o campo da sociologia das desigualdades, através da obra de Norbert Elias e John Scotson (2000), em busca de refletir teoricamente sobre mecanismos possíveis, elucidar causalidades, assim como conectar essas expressões das desigualdades a uma teoria. Partimos da sugestão de Elias e Scotson que quando um determinado conjunto de pessoas consegue ter acesso a poder e recursos, elas têm a tendência a criar redes de solidariedade que permitam manter o controle sobre esses bens. Para que possam sustentar sua própria rede e garantir que manterão seu acesso privilegiado a benefícios, essas pessoas vão excluir os “de fora”.

3. RELAÇÃO ESTABELECIDOS/ OUTSIDERS E ORGANIZAÇÕES

Em “Os Estabelecidos e os Outsiders”, Norbert Elias e John Scotson (2000) procura explicar a dinâmica entre duas zonas em Winston Parva. Ao longo do texto percebemos como o grupo dos “aldeões/estabelecidos” proclamam a si mesmos mais poder e respeitabilidade do que aos recém chegados/outsidere. A superioridade auto conferida não se dá por diferenças de classe, mas pelo fator de senioridade. Para Norbert Elias e John Scotson (2000) a relação estabelecidos-outsidere é uma relação de manutenção de poder. Os estabelecidos desenvolvem suas próprias tradições e padrões, o que os fortalece e permite que preservem sua identidade e “superioridade”.

Na parte da introdução o autor apresenta uma pergunta: *De que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença em que são não apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que outros?* (ELIAS e SCOTSON, 2000 p.20). Partimos de uma interrogação sobre essa teoria a fim de conecta-la com questões de gênero: teriam as mulheres assumido o lugar de “outsidere” por terem ingressado posteriormente aos homens no mercado jornalístico? Norbert Elias e John Scotson nos convidam a pensar: de que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença em que são não apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que outros? Essa pergunta é norteadora para pensarmos a relação entre a sociologia de Elias e Scotson (2000), e a sociologia de gênero e organizações. São incorporados ao debate literaturas específicas de desigualdades e organizações: Joan Acker (2006) e Cecilia Ridgeway (1997).

A teoria de regimes de desigualdades formulada por Acker (2006) é útil para uma análise das organizações de trabalho. O conceito de regimes de desigualdade procura entender como as desigualdades são criadas dentro do ambiente organizacional, explicando que estas são interligadas e se reforçam mutuamente dentro das organizações. O artigo de Ridgeway (1997) é importante para pensar a persistência da hierarquia de gênero através das interações. Processos interacionais que são tidos como dados podem reescrever desigualdades em novas estruturas organizacionais, e de formas modificadas. Com o olhar voltado às interações percebe-se que existe um sistema de interação baseado nas categorizações de gênero. Estudos sobre desigualdades organizacionais combinados com a leitura sobre

estabelecidos e outsiders podem contribuir para elucidar a interação entre redes e poder.

Norbert Elias e John Scotson (2000) afirmam de forma explícita que a relação estabelecidos-outsiders é uma relação de manutenção de poder. O grupo já estabelecido tem uma coesão bem maior do que a dos outsiders. Os estabelecidos haviam desenvolvido suas próprias tradições e padrões, o que os fortaleciam e permitia que preservassem sua identidade e “superioridade”. Agir fora das normas constituídas fazia com que fossem classificados como inferiores. Tanto Acker (2006), quanto Ridgeway (1997) comentam sobre o que se espera de um trabalhador: que seja dedicado e sempre livre para o trabalho.

Na análise da comunidade de Winston Parva, não fica claro se os outsiders querem, na verdade, se enturmar e participar de uma comunidade maior. Todavia, fica claro que os estabelecidos esperam que eles se adaptem às normas e se submetam a suas formas de controle social (ELIAS e SCOTSON, 2000). No jornalismo, o ingresso mais tardio das mulheres pode ser visto como esse tipo de relação: aqueles que já concentravam as redes, os recursos e o poder e sentiam-se ameaçados pelos recém-chegados no que se refere ao seu status, seu valor humano (e profissional), assim como no seu acesso a recursos - materiais e simbólicos.

No mercado de trabalho esse desejo, de se enquadrar, pode ser apresentado pelos outsiders, como forma de ter acesso a recursos, promoções e melhores resultados. Mulheres procuram ser levadas a sério no mercado de trabalho agindo como se é esperado de um trabalhador – homem – comum, e evitando chamar atenção para o fato de serem do gênero feminino (RIDGEWAY, 1997). Isso pode fazer com que elas se passem por “outsiders respeitáveis”.

Os estabelecidos formam um grupo mais fechado e coeso, em comparação aos recém chegados. A coesão permite que informações e acesso a recursos circulem dentro daquele grupo fechado. Em textos sobre mulheres e relações de trabalho a questão das redes/networking se mostra muito presente (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997). A segregação se mostra um problema em contratações liberais, porque esta normalmente se dá através da rede de networking. As redes em que mulheres e homens interagem são segregadas, o que impede que produções e conhecimentos

feitos por mulheres ganhem alta projeção. Essa é uma das formas pelas quais as desigualdades de gênero e raça se perpetuam em organizações (ACKER, 2006).

Outro ponto que merece destaque na análise de Norbert Elias e John Scotson (2000) é o fato dos estabelecidos formularem generalizações sobre o outro grupo de forma eloquente. Os outsiders são classificados pelo sistema de “minoridade dos piores”, e o grupo como um todo é difamado. Esse fenômeno acontece frequentemente com mulheres e pessoas negras, e uma minoria desempenha um papel desproporcional na representação do grupo. O poder que os estabelecidos têm sobre os outsiders é um dos fatores que torna possível a perpetuação das generalizações. A falta de diversidade que muitas organizações apresentam pode ser outro fator. Quando não se tem muitas mulheres ou pessoas negras, a representatividade do grupo recai naqueles que estão presentes.

Na introdução de “Os estabelecidos e os outsiders”, Norbert Elias e John Scotson afirmam:

O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder e a sua superioridade humana, a seu carisma coletivo, através de um contra-ataque, de uma rejeição e humilhação contínuas do outro grupo (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.45)

A exclusão e estigmatização sofrida pelos outsiders faz com que os estabelecidos possam preservar a identidade e afirmar sua superioridade. A entrada das mulheres no campo do jornalismo causou uma irritação entre os jornalistas homens que já estavam lá há mais tempo. Estes criaram empecilhos com a justificativa de despreparado por parte de seus pares. Possivelmente o medo da feminização do trabalho promoveu esse movimento. O fenômeno da feminização fez com que outras áreas se tornassem mais precárias e sofressem diminuição de status. A “ameaça a profissão de jornalista” pode ter se apresentado real para os jornalistas estabelecidos, que por sua vez contra-atacaram.

A partir do momento que a luta entre estabelecidos e outsiders deixa de ser uma simples luta para obter subsistência física, e se torna uma luta para satisfazer outras aspirações humanas, o conflito aparece de forma aberta e contínua. Pode-se

entender que depois que as mulheres entram no trabalho elas têm a possibilidade de ir atrás de outros direitos. Com a questão da subsistência resolvida outras questões de equidade se tornam o próximo passo.

Por fim, tudo retorna a questão central do poder e recursos, e quem os controla. Estabelecidos criaram para si uma ideologia que enfatiza sua superioridade e generaliza o outsider em sua inferioridade. As minorias são taxadas com inferiores e “permitem” ser classificadas como tal pois não têm poder para evitar que isso aconteça (ELIAS e SCOTSON, 2000). Ao longo do tempo isso pode se mostrar de formas mais tênues, como a questão do viés implícito e a síndrome do impostor. Mas ainda assim apresentam consequências na construção social e nos ambientes organizacionais.

4. METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa é a análise qualitativa de grupos focais realizados em quatro capitais brasileiras, no ano de 2017. A partir de uma visão organizacional (ACKER, 2006) e interacionista (RIDGEWAY, 1997) de gênero e ambientes de trabalho, observarei as descrições das rotinas e das interações cotidianas, que inscrevem gênero nessas relações. O uso de entrevistas individuais pode proporcionar mais profundidade e também tem a vantagem de garantir mais privacidade às entrevistadas, mas a técnica do grupo focal tem como aspecto de interesse proporcionar uma interação entre as entrevistadas. A interação do grupo é usada para gerar dados e insights. Grupos focais podem criar um ambiente mais natural e acolhedor para o debate de assuntos sensíveis e a interação entre os entrevistados faz com que estes sejam influenciados a falar, ao mesmo passo que influenciam outros (RITCHIE e LEWIS, 2003). Uma participação pode ser desencadeada por um incentivo trazido pela fala de outro participante, criando assim um espaço espontâneo e menos estruturado pelo entrevistador.

Os dados aqui utilizados são de uma pesquisa feita pela Gênero e Número, – organização de produção jornalística – conjuntamente com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), no ano de 2017. A pesquisa contou com uma parte qualitativa e outra quantitativa, o que nos interessa no presente trabalho são os dados qualitativos. Os grupos focais foram realizados nas quatro cidades com maior número de profissionais de jornalismo no Brasil: Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Somando todos os quatro grupos focais obteve-se 42 participantes, todas elas jornalistas mulheres. Os veículos de trabalho das jornalistas são diversos, não se restringindo a apenas uma mídia.

As participantes foram incentivadas a participar quando sentissem vontade e também a fazer perguntas umas para as outras. O grupo focal foi dividido em dois blocos: o primeiro sobre relações de trabalho e assédio; e, o segundo sobre questões de gênero na cobertura jornalística. Os temas debatidos foram: i) satisfação pessoal no trabalho; ii) percepção de atitudes sexistas e formas de assédio no trabalho; iii) avaliação sobre chances e oportunidades; iv) percepção do impacto de gênero no desempenho profissional; e v) avaliação sobre gênero e a cobertura midiática.

Em posse dos materiais já transcritos, meu trabalho consistiu em lê-los primeiramente de uma forma menos estruturada e depois em buscar regularidades nos relatos, criando chaves de análise. Criei uma planilha no Excel com a finalidade de poder agrupar as citações por categorias estipuladas por mim, com base na minha bibliografia teórica e na recorrência de determinados temas nas falas das participantes. As chaves utilizadas remetem a conceitos de rotinas organizacionais e interações cotidianas, tais como a hierarquização do trabalho, a tentativa de neutralidade de gênero, – processo que procura ressaltar a identidade profissional, ao invés da identidade de gênero – e a exclusão de redes no campo profissional (ACKER, 2006; ELIAS e SCOTSON, 2000; RIDGEWAY, 1997). As citações foram divididas em doze categorias: i) comentários sexistas; ii) mudanças geracionais; iii) satisfação; iv) posição masculinizada; v) vestimentas; vi) relação com fonte; vii) pautas feminizadas; viii) falta de reação; ix) condição de mulher; x) "Falta de sororidade"; xi) Credibilidade; xii) Mulheres na chefia.

Figura 1: Planilha de citações dos Grupos Focais

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
1	Comentários sexistas	Mudanças Geracionais	Satisfação	Posição masculinizada	Vestimentas	Relação com fonte	Pautas feminizadas	Falta de reação	Condição de mulher	"Falta de sororidade"	Credibilidade	Mulheres na chefia		
2	B: De comentar o	B: E quem falava era uma	G: O trabalho é legal. O	D: É um ambiente que	H: Mas você não teve essa	D: Assédio de fonte? Sim!	Por exemplo, eu sempre	J: O pior de tudo – que eu	C: Sim. Mulher fica de TPM	B: Nesse mesmo dia a	C: Eu posso ir ao jogo, posso	G: Na Economia tem		
3	D: Daí ela passou. Os	E quando trabalhei	Eu me sinto muito	D: "Mas por que você não	D: Mas olha só, dentro	C: Eu era C: Ai alguma	Eu acho que o	F: Eu sou super	D: E ele falou "Há uma	I: A minha chefe do Rio.	E: A questão é por que eu	D: Eu acho que		
4	E muito chato você chegar na	Então assim... Isso era	Quando eu sai de um	B: Ou seja, ela tem que ser	B: Ou seja, ela tem que ser	C: Ai alguma pessoa veio	que barra	E: O primeiro é que a gente	D: Passou isso, ele me	B: As mulheres da	A: E era isso claramente. E	C: Legal, você		
5	Eu tive um chefe que	Isso era	A gente tem que aceitar	I: Teve uma situação bem	I: Teve uma situação bem	I: Eu estava numa situação	que barra	A: Em alguns momentos, é	I: Daí eu recebi uma proposta	E: Aí quando essa menina	C: Já teve uma vez de eu	H: Eu tive a		
6	A ânora da época me			A: Eu tive três chefes	A: Eu tive três chefes	H: Tinha uma fonte que me	que barra	Como feminista eu	E: Eu acho que tem muitas	Acho que tem muitas	Por mais que os homens	H: Eu só me senti bem por		
7	No dia da mulher, rolou			A: Daí comecei a perceber	A: Daí comecei a perceber	Teve uma colega que foi	que barra	Eu já sai de coberturas	E: Eu já sai de coberturas	A gente tá falando de	Ansiedade pro	A: A nossa conjuntura de		
8	Tem muita situação de			B: Uma manchete com	B: Uma manchete com	Quando eu ainda era	que barra	Só que é uma coisa muito	Só que é uma coisa muito	Já aconteceu uma situação	Já aconteceu uma situação	Eu tenho uma chefe muito		
9	Ele teve uma briga com a			E aí começaram	E aí começaram	Eu comentei sobre um caso	que barra	Eu fui acompanhar	Eu fui acompanhar	Mas eu sempre senti	Mas eu sempre senti	Eu já tive duas		
10	E aí o cara começou			que eram	que eram	Eu não janto com fonte, e	que barra	Já me tiraram de uma pauta	Já me tiraram de uma pauta	Eu vejo isso também...	Eu vejo isso também...	E sabe o que me incomoda?		
11	Comigo ele foi			Eu percebo muito a	Eu percebo muito a	Eu só fui almoçar com	que barra	H: E aí eu decidi contar e	H: E aí eu decidi contar e	Nos próprios projetos o	Nos próprios projetos o	Eu fiquei revoltadíssima		
12	Enfim, chegou um ponto e eu			E aí tem essa questão de	E aí tem essa questão de	Quando eu cheguei aqui	que barra	Eu já ouvi em proposta de	Eu já ouvi em proposta de	A mulher tem que fazer	A mulher tem que fazer	C: A minha ex-		

Fonte: Elaboração própria

Utilizando das categorias de Elias e Scotson (2000), muitos dos homens citados nas falas das entrevistadas tomam o lugar de estabelecidos pela senioridade, e as mulheres de outsiders por terem sua entrada marcante no campo após a década de 1970/1980. Essas categorias nos ajudam a pensar como as dinâmicas no campo jornalístico podem ter relação explícita ou implícita com a manutenção do que é estabelecido e o que é outsider. O grupo estabelecido apresenta uma maior coesão e similaridade, pois compartilham de ideologias, tradições e padrões em comum. Procuram reafirmar fronteiras e solidariedades através de diversas ações tais como: controle, difamação e segregação. Os estabelecidos fazem circular dentro do grupo informações, recursos e promoções que não são compartilhados com o grupo de outsiders, o que os permite manter controle sobre esses bens. Já os outsiders podem conter uma maior dispersão e heterogeneidade, em comparação com o outro grupo. Parto da ideia de que a relação entre estabelecidos e outsiders é uma relação de manutenção de poder. E que poder pode se expressar de diversas formas, como interações cotidianas e disputas por recursos, materiais e/ou simbólicos. As relações de manutenção de poder são capazes de produzir e sustentar desigualdades, dessa forma é possível reinscrever regimes de desigualdades em regimes mais igualitários (ACKER, 2006); bem como manter desigualdade através de interações (RIDGEWAY, 1997).

5. MANUTENÇÃO DE REGIMES DESIGUAIS

A partir da década de 1970, houve um aumento da escolarização no Brasil, o que culminou também na procura pelo ensino superior. Essa procura se deu, segundo Guedes (2008) e Rocha e Sousa (2011), pela camada média e média-alta como forma de ascensão social, ou barreira para evitar um declínio de classe. O processo de maior escolarização da população brasileira é concomitante ao crescimento feminino nas universidades (ROCHA e SOUSA, 2010; SOUZA, 2010). Na década de 1970 elas somavam 25% dos universitários, enquanto nos anos 2000 se tornavam maioria, com 53% (GUEDES, 2008). Esse fenômeno foi acompanhado da entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho e procura por profissionalização. Soares e Isaki (2002, apud GUEDES, 2008) apontam para o aumento de 59% da participação feminina entre 1977 e 2001.

A entrada de mulheres no mercado de trabalho é acompanhada do processo de feminização. A feminização pode ter dois sentidos:

[...] tanto ao crescimento do número de mulheres num determinado grupo profissional – pequeno ou grande número – como aos efeitos desse crescimento numérico em termos de transformação ou reprodução das relações sociais entre os sexos e das práticas profissionais (KERGOAT et al., 2009, p.160)

Ela também pode estar relacionada a desvalorização e perda de prestígio de alguma profissão. Existem profissões que são marcadamente feminizadas, as qualidades e características atribuídas a elas vão ao encontro de uma feminilidade construída pelo senso comum. Por exemplo, profissões como enfermagem e magistério básico, que indicam as mulheres como as mais adequadas ao serviço por conta da qualidade de cuidado, e são comumente desvalorizadas.

A feminização também é presente no jornalismo, com o crescimento do contingente de mulheres na profissão. Ainda existem divergência na literatura sobre se esse processo tornou a carreira mais “feminina”, com o contraponto de que as qualidades que são valorizadas ainda são as masculinas (SOUZA, 2010).

Uma das fases da profissionalização do jornalismo foi a exigência do diploma, no final da década de 1960. Com isso, o jornalismo incorpora uma nova geração de profissionais que são graduados e com origem em classes médias e média-altas, e também aumenta seu contingente feminino (ROCHA e SOUSA, 2011). As inovações tecnológicas fizeram desaparecer alguns cargos, como revisor, copidesque, pauteiro, pestapista, diagramador e ilustrador, que acabaram sendo acumulados ou exercidos pelas novas tecnologias (ROCHA e SOUSA, 2011). As mulheres acabaram ingressando em novos cargos, que exigiam maior conhecimento tecnológico e formação, enquanto os homens permaneceram em posições mais tradicionais.

No ano de 2005 as mulheres já tinham ultrapassado os homens no mercado jornalístico (ROCHA e SOUSA, 2011). Essa mudança de perfil dos jornalistas aconteceu juntamente com a precarização do trabalho. Nos últimos anos houve um aumento dos profissionais freelancers e de assessorias, cargos mais precarizados no trabalho jornalístico devido sua instabilidade e flexibilidade (LEITE, 2017). Esses cargos também tem um alto índice de mulheres e Leite (2017) teoriza que a possibilidade da flexibilidade pode ser um atrativo para mulheres que conciliam o trabalho produtivo e reprodutivo.

Aqueles em cargos de poder, majoritariamente homens, se viram diante de precarização e perda de status do jornalismo. A geração mais antiga do jornalismo o vê como uma carreira de liberdade crítica, opinativa e política (LEITE, 2017), com uma formação que é feita no próprio trabalho, dependendo de suas experiências. A entrada de mulheres, de classe média, e a modernização do jornalismo quebra o imaginário da profissão jornalística como uma profissão investigativa de alto risco e feita na rua.

Ao falar de jornalismo, estamos falando de um mercado de trabalho altamente competitivo. Uma incursão na história nos ajuda a compreendê-lo. É uma área que passou por processos de profissionalização, credenciamento e mudanças muito significativas no recrutamento a partir da exigência do diploma. A inserção das mulheres na carreira jornalística corresponde ao período das décadas de 1970-80 analisados e descritos por Marcos Roxo a partir de ampla pesquisa documental, na tese “Jornalistas, para quê?” (ROXO, 2007). Embora a tese não enfatize questões relacionadas a gênero, ele oferece muitas pistas para entendermos as tensões que

se deram nessa entrada. Uma das falas significativas a esse respeito veio do jornalista Millôr Fernandes, em 1985:

No momento em que você exigiu o curriculum, a visão social do jornalismo ficou restrita à classe média. Só entra gente de classe média. Não haveria Joel Silveira, David Nasser, Hélio Fernandes. Todos jornalistas de minha geração sequer eram formados. Muito menos em comunicação. (...) Mas, hoje, uma moça de classe média, com um cursinho de francês e umas viagens ao exterior, entra num curso vagabundo de jornalismo e vai trabalhar no Jornal do Brasil. (FERNANDES apud ROXO, 2009, p. 25).

Parece que alguns dos estereótipos mais antigos sobre as jornalistas mulheres carregam a marca da própria história, condições e momento da sua inserção profissional no campo. Além, claro, de normas culturais de gênero, esses estereótipos falavam também de mudanças geracionais, organizacionais e de redes de relações sociais. Eles têm a ver com mudanças nas redes, nas formas de recrutamento, da redistribuição do poder - e nas formas de oposição a elas.

O processo de feminização do jornalismo movimentou articulações de poder e status vigentes que eram tidas como garantidas pelos estabelecidos. A análise que se segue busca investigar algumas das formas como os estabelecidos procuram manter controle do seu poder e redes, e como consequência afastar outsiders que apresentam uma ameaça ao seu status, padrão e ideologia.

Alguns dos estereótipos sobre as jornalistas mulheres carregam a marca da própria história e momento da sua inserção profissional no campo. Trata-se, no limite, de uma relação estabelecido/outsider em que aqueles que concentravam as redes, os recursos e o poder e sentiam-se ameaçados pelos recém chegados no que se refere ao seu status, seu valor humano e profissional, assim como no seu acesso a recursos – materiais e simbólicos.

Como Elias e Scotson (2000) explicam, os estabelecidos utilizam de humilhação e difamação para afastar os outsiders. O trecho abaixo é mostra uma disputa entre a jornalista qualificada e os estabelecidos, que querem recoloca-la no lugar de outsider, recorrendo ao assédio sexual. Uma outra forma de humilhação é a descredibilização do outsider. Ridgeway (1997) explica que interações cotidianas

podem fazer com que se crie uma idealização de que os trabalhos produzidos por homens são melhores do que de seus pares.

Daí ela passou. Os dois chefes pararam. Eu estava vendendo a minha pauta e eles pararam, olharam e ficaram medindo bunda, perna e disseram “Poxa, agora a editoria vai ficar boa, né?”, e eu o cortei “Cara, é foda porque você estuda quatro anos, se fode trabalhando, faz mestrado, se arrebenta, pra ter que ouvir isso às 7h30 da manhã! Não dá pra trocar a piada não?”. *Grupo Focal RJ*

As pessoas falam assim pra gente: “Vocês são jornalistas?” As pessoas não sabem o que está dentro do código; quem são as pessoas que formam o quadro de jornalistas que estão dentro do sindicato. Existe um preconceito porque ser jornalista – teve uma época que eu acabei me irritando e falava “Olha só... O meu diploma vale” como forma de defesa. – *Grupo Focal RJ*

Eu vejo isso também. Quando o colega homem fala, parece que tem mais garantia nisso. Quando a gente vai apresentar uma coisa tem que estar com todas as provas na mesa para mostrar que aquilo que a gente está dizendo é aquilo que a gente tá dizendo. – *Grupo Focal RS*

E a gente tem que provar o tempo todo e ouve tanto que a gente não é boa gente que chega uma hora que a gente começa a acreditar nisso. A gente está sempre em débito. A gente nunca se sente bem. Você tá sempre devendo alguma coisa mulher é muito mais difícil. – *Grupo Focal SP*

Uma das formas de se manter redes segregadas é policiando suas fronteiras. Ao acusar a jornalista de ter relações sexuais com o chefe, o grupo reafirma fronteiras, solidariedades e deslegitima a formação de redes entre os “de dentro” e os “de fora”:

Tem muita situação de “A, mas se tu subiu (de cargo) é porque você deu para seu chefe”. – *Grupo Focal RS*

Para além disso, o jornalismo tem uma cultura profissional marcada pela alta coletividade, rotina acelerada, dentro de um mercado cada vez mais difícil (LEITE, 2017; SOUZA, 2010). Gênero e os estigmas associados à condição de outsider podem ser usados como forma de controle, de gerenciamento, de extração de

recursos (ACKER, 2006). Quando perguntadas sobre a satisfação no trabalho uma entrevistada respondeu da seguinte forma:

Eu acho o seguinte: sempre foi utilizada a nossa paixão, o nosso amor pela profissão para exploração, como se fosse uma coisa normal você ser explorado, você ser sacaneado, você ouvir piadinha porque faz parte do ethos jornalístico. – *Grupo Focal RJ*

Sobre a mesma pergunta, outra entrevistada responde:

A gente tem que aceitar por ser mulher, estagiária, jovem e é abusiva. – *Grupo Focal RS*

Outras entrevistadas evidenciam como o gênero pode ser usado como forma de extração de trabalho:

É muito cansativo, os homens não percebem isso e a gente não quer que eles percebam isso porque a gente batalha tanto para as coisas sejam iguais [...]. Então é uma sobrecarga mas que eu acho que a gente, as mulheres, evitam reclamar e evitam terceirizar a família para a gente manter as coisas. Eu não posso usar minha condição de mulher como justificativa para ter uma vida mais tranquila. – *Grupo Focal DF*

Porque eu não posso chegar na redação e argumentar que eu estou cansada porque eu fiquei acordada com meu filho a noite inteira porque teve pesadelo e eu tenho que acordar às 6:00 para poder levá-lo na escola e as 11 da manhã eu tenho tá tranquila para poder começar o expediente na redação. – *Grupo Focal DF*

Outro diálogo constante que permeia os grupos focais tem a ver com a figura da “chefe masculinizada”. Os relatos que envolvem essa figura apresentam-na como um contraponto de uma mulher que utiliza de sua feminilidade no local de trabalho, assim como um passo necessário para aquelas que ascendem nas escalas de poder. Leite (2017) aponta que as mulheres podem procurar um fortalecimento da identidade profissional, o que costuma vir às custas da identidade de gênero, “Nesse raciocínio, ao se comportar como um homem, apagando sua marca distintiva, a mulher torna-se uma “superfuncionária”.” (LEITE, 2017, p. 65)

É um ambiente que, tradicionalmente, era ocupado por muitos homens que ditavam as regras, comentários, sacanagens... E você, às vezes, tem que adotar uma posição masculinizada pra você se impor. – *Grupo Focal RJ*

Daí comecei a perceber que se eu ficasse lá, do jeito que estava, nada ia mudar porque eu não estava disposta a usar um vestido curto o suficiente e também não queria virar um homem. – *Grupo Focal RJ*

Eu percebo muito a masculinização da mulher. Eu lembro de uma editora que uma vez veio me criticar pelo meu jeito. Daí ela falou “Olha para as mulheres ao teu redor, que tem 10 anos de casa. É isso que você quer?”. – *Grupo Focal DF*

Ou seja, ela tem que ser masculina nessa posição porque ela não vai criar os filhos dela. Quando elas chegam a esse cargo a postura muda, porque elas têm que se masculinizar para se manter naquela posição. Aí elas viram inimigas! – *Grupo Focal RJ*

A “masculinização” é vista como um pré-requisito para entrar na esfera do poder, porque é uma forma de demonstrar lealdade aos estabelecidos, e mostrar que não há ameaça ao poder. Essa forma de ofuscar o fator de gênero pode ser apresentado pelas outsiders como forma de ter acesso a recursos, promoções e informações. O processo interacionista molda as relações, assim as outsiders mudam seus comportamentos em busca de se passarem por “outsiders respeitáveis” (ELIAS e SCOTSON, 2000; RIDGEWAY, 1997). Como exemplificado pelo seguinte relato:

Passou isso, ele me chamou sozinha na sala dele no dia seguinte e falou assim: “Nós estávamos cotando você para ser editora mas você sinaliza outro tipo de postura e isso não é legal”. Então você é percebida por ser mulher. Por ser mulher e ter alguma posição. – *Grupo Focal RJ*

É importante salientar que o jornalismo é uma organização com suas interações internas, que não se estrutura no vácuo, e mantém interações com outras organizações externas, que têm suas próprias peculiaridades. Isso causa tensões em pontos tangência entre as organizações. Esses momentos são exemplificados por relatos de interação com fontes (indivíduo) ou organizações.

Nas relações com organizações como o judiciário, a polícia, a política, o futebol e outras, as jornalistas se deparam com outras hierarquias e formas organizacionais. Em muitos casos, isso produz dificuldades e obstáculos profissionais.

Cheguei para cobrir o judiciário, que assim como a política, é machista, e tem uma cultura de "mulher gostosa", a estagiária gostosa, a novinha... Tem um gabinete de ministros que só chama mulheres... Com a roupa que eu estou hoje, numa sessão da plenária do Supremo, eu não sentaria na primeira fileira porque eu estou de saia. E eu já fui retirada da primeira fileira por estar de saia, porque atrapalharia a TV Justiça e desconcentraria os Ministros. Pode usar saia, mas não pode usar saia porque as pernas incomodam, aparentemente. A minha vontade era dar um chique, mas é muito difícil você estar trabalhando e no Supremo tem um ritual de escrever a matéria e o segurança chegar em você e te mandar sair. Quando você leva essas queixas pras redações - e especialmente com chefes homens -, eles dizem que você tem que contornar isso e não pode ser menos repórter por ser mulher. – *Grupo Focal DF*

E eu estava esperando para entrar no túnel dos jogadores e veio um desses velho babão de federação de futebol meio querendo que se impor sobre mim. Tipo “Você é muito novinha, muito inexperiente... Eu vou te ensinar” “Eu sei aonde eu posso ir” “Você não sabe... Eu tô aqui há muito mais tempo”. E tem homens novos, jovens e eles não falam isso com eles. – *Grupo Focal SP*

Foi uma editora da Rio que me questionou uma vez. Eu estava com um vestido como esse, só que de botão. Não que fizesse alguma diferença, mas... E aí eu ia pra delegacia. Aconteceu um problema e eu ia pra delegacia. Cheguei às 7 da manhã, só tinha eu na redação e eu ia pra delegacia. E ela perguntou se eu ia com aquela roupa “E você sugere que eu troque?! Pelo quê? Por que? Qual o problema?” “Ah, mas é porque é delegacia...”. – *Grupo Focal RJ*

Nas interações com outras organizações as mulheres têm contato com outras hierarquias e status de gênero que não necessariamente são comuns ao jornalismo. Porém, as interações constantes criam roteiros para interações futuras com as organizações (RIDGEWAY, 1997). O contato entre organizações com seus próprios

esquemas hierárquicos e desigualdades, pode reinscrever e/ou fortalecer regimes de desigualdades nas organizações com que se mantém contato (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da profissionalização e feminização do jornalismo aparecem interligadas. O momento da exigência do diploma e regulamentação da profissão foi contemporâneo à entrada das mulheres em instituições de ensino superior e no mercado de trabalho. Apesar da entrada maciça na década de 1970/1980 a chefia ainda se mostra masculina e de difícil acesso as mulheres (ROCHA e SOUSA, 2011).

Para entender a como cargos, recursos, aumento e promoções se mantêm entre os estabelecidos, utilizou-se da teoria entre estabelecidos/outsideiros de Norbert Elias e John Scotson (2000), juntamente com teorias sobre desigualdades organizacionais (ACKER, 2006; RIDGEWAY, 1997). O grupo estabelecido utiliza de estratégias que os ajude a delimitar fronteiras e reforçar seus padrões e ideologias, podendo recorrer a difamação e humilhação do outro grupo. Os padrões podem corresponder a interações e construções sociais de tipos ideais. Tratando-se de organizações, é criado um roteiro de como deve-se interagir e se portar em lugares como esses (RIDGEWAY, 1997). Condutas que fogem ao roteiro dos estabelecidos são sinalizadas e podem ser tratadas como ameaças ao *status quo*, se os outsideiros não procuram se adequar.

O presente trabalho utilizou desse marco teórico para buscar entender como interações e relações que estão no plano cultural podem ter efeitos no plano material e simbólico. Exemplificamos como os estabelecidos mantêm monopólio de poder e recursos através de relatos de quatro grupos focais feitos em cidades do país (Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo). O assédio e a deslegitimação das credenciais das jornalistas são usados como ferramentas de humilhação, fortalecendo assim a distância entre os estabelecidos e os outsideiros, e a solidariedade dentro do grupo estabelecido e masculino. As mulheres que almejam melhores posições hierárquicas e poder passam por um processo de “masculinização”, com o objetivo de mostrar que não são ameaças ao *status quo* através da aproximação do ideário de um estabelecido, se tornando “outsideiros respeitáveis”. Além disso, os estabelecidos podem extrair trabalho através de controle e uso de gênero como ferramenta (ACKER, 2006). Os relatos de interação com outras instituições também evidenciam o impacto que outras organizações têm no jornalismo. Mesmo contando com a entrada de

mulheres no campo jornalístico, percebe-se que a feminização da profissão, em relação com a mudança das características da profissão, ainda não aconteceu.

Apesar dos avanços na interpretação e entendimento dos mecanismos de interação que permeiam as organizações jornalísticas, algumas categorias não foram desenvolvidas e exploradas. Dados sobre raça não foram utilizados, mas existe uma hipótese que os processos interacionais e de exclusão são mais diversificados com indivíduos não brancos. Como explica Acker (2006), pode haver um interesse em tornar o ambiente mais igualitário utilizando uma dimensão da desigualdade como foco, porém isso não implica que este se tornará igualitário inteiramente. Políticas voltadas para a manutenção da igualdade de gênero não solucionariam desigualdades raciais, mantendo, dessa forma, regimes desiguais. Os regimes de desigualdades podem ser contraditórios e se reforçarem mutuamente, o que significa que ambientes igualitários podem se tornar regimes desiguais com o tempo (ACKER, 2006).

Outras interações que não foram frisadas são entre as próprias mulheres em outras organizações. O campo jornalístico é altamente competitivo, e essa disputa por poder pode acontecer dentro das editorias, como entre jornais e revistas diferentes. As interações que apontamos aqui exemplificam mais como as mulheres interagem dentro da própria organização com suas chefes, aparecendo recorrentemente as figuras das chefes “masculinas”.

A pesquisa conta com relatos e trechos fortes que podem parecer apresentar um papel de passividade feminino. As mudanças organizacionais podem surgir antes das mudanças culturais (RIDGEWAY, 1997), mas a preocupação se mostra presente, a exemplo das medidas como *compliance*. O próprio fato de existir uma pesquisa que se preocupa em investigar as condições das mulheres jornalistas, realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo deve ser visto como um ato de resistência e mobilizador de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKER, Joan. Inequality Regimes. **Gender & Society**, [S.L.], v. 20, n. 4, p. 441-464, ago. 2006. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0891243206289499>.

DAFLON, Verônica. **Paridade nas chefias e canais para receber denúncias são prioridades.** 2017. Disponível em: <https://medium.com/ojornalismoem2018/paridade-de-g%C3%AAnero-nas-chefias-e-canais-para-receber-den%C3%BAncias-s%C3%A3o-prioridades-f507ca03b8f3>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FINCH, Helen; LEWIS, Jane. Focus Groups. In: RITCHIE, Jane; LEWIS, Jane. **Qualitative Research Practice:** a guide for social science students and researchers. London: Sage Publications, 2003. Cap. 7. p. 170-198.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

KERGOAT, Prisca et al. Ofício, profissão e "bico". In: HIRATA, Helena et al (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 159-167.

LEITE, Aline Tereza Borghi. Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 44-68, mar. 2017.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. 1-14. 2019.

RIDGEWAY, Cecilia. Interaction and the conservation of gender inequality: considering employment. **American Sociological Review**, v. 62, n. 2, p. 218-235, abr. 1997.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, Piracicaba, v. 51, n. 21, p. 7-18, jan-jun. 2011.

ROXO, Marco. Nélon Rodrigues, a retórica do nariz de cera e a triste sina do jornalismo policial. **VII Encontro Nacional de História de Mídia**, Fortaleza, p. 1-27, ago. 2009.

ROXO, Marcos. **Jornalistas para que? Militância sindical e o drama da identidade profissional**. Tese de Doutorado em Comunicação – Universidade Federal Fluminense, 2007.

SOUZA, Ana Fernanda. Mulheres e Jornalismo: permanências e tendências no exercício da profissão. **VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador, p. 1-15, maio. 2010.